

RECENSÃO

Autor:

José Carlos Ribeiro Miranda

mirandajcr.prv@gmail.com

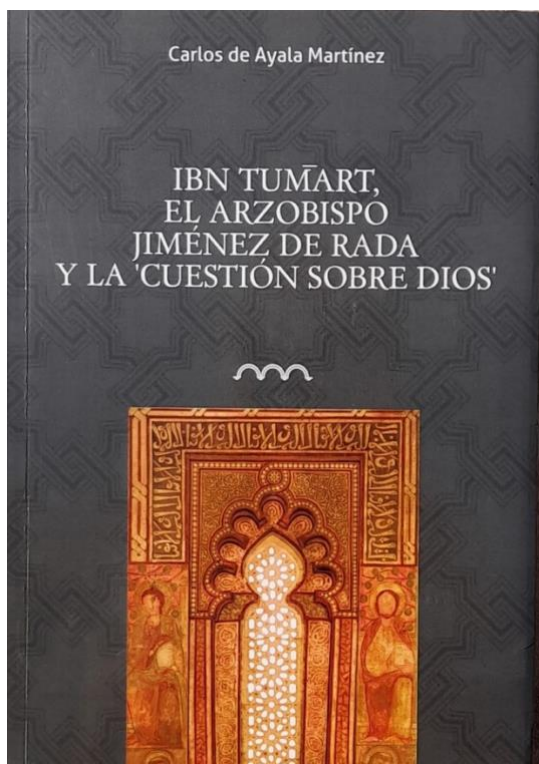
Título:

Carlos Ayala Martínez, *Ibn Tumart, el Arzobispo Jiménez de Rada e la “cuestión sobre Dios”*, Madrid, Ediciones de la Ergástula, 2017.

Como citar esta recensão:

José Carlos Ribeiro Miranda, «Recensão crítica de Carlos Ayala Martínez, *Ibn Tumart, el Arzobispo Jiménez de Rada e la “cuestión sobre Dios”*, Madrid, Ediciones de la Ergástula, 2017», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, vol. 6, 2021, pp. 221-225.

DOI: 10.21747/21839301/gua6r4



Carlos Ayala Martínez

**Ibn Tumart, el Arzobispo
Jiménez de Rada e la “cuestión
sobre Dios”**

Madrid

**Ediciones de la Ergástula
2017**

Ao evocar a memória histórica dos almóadas, vêm-nos obrigatoriamente à ideia as campanhas militares que estes norte-africanos de cultura árabe e islâmica realizaram nos finais do século XII na Península Ibérica. Tendo como eventos maiores as batalhas de Alarcos (1195) e das Navas de Tolosa (1212), onde Afonso VIII de Castela conheceu, sucessivamente, o peso da derrota e a glória da vitória, no contexto português será de recordar também o recontro havido em Santarém – ainda em tempos de Afonso Henriques (1183), mas governando já Sancho I – entre a milícia do ocidente ibérico e as tropas chefiadas pelo Emir Jacob Ibn Yussuf. A derrota deste último não vem mencionada nos *Anais de Santa Cruz* redigidos no final do século XII, o que nos permite datá-los de um momento anterior a estes sucessos bélicos. No entanto, o crúzio que os redige tinha amplo conhecimento das posturas político-religiosas desse grupo berbere, fazendo-lhe algumas referências de natureza escatológica que não devem passar despercebidas aos estudos actuais sobre a Idade Média portuguesa e ibérica.

Na realidade, conquanto a construção narrativa bíblica não lhes fosse alheia, a designação adoptada por este grupo – «almóadas», ou «al-muwahhidun» (em transliteração para o nosso alfabeto) – significa, literalmente, «partidários da unicidade de Deus», como é sublinhado no livro de Carlos Ayala Martínez que suscita as presentes notas. O que quer dizer que, para além da acção política, que os levou a fundar um Califado, esta facção político-militar tinha fortes preocupações doutrinárias, diríamos mesmo teológico-especulativas, das quais se apercebeu um contemporâneo de peso do campo cristão, nada menos do que Rodrigo Jiménez de Rada, o futuro Arcebispo de Toledo, autor de várias obras, entre as quais se conta a célebre *Historia de Rebus Hispaniae*.

Recorde-se que, neste findar do século XII e início do século seguinte, estamos num período de enorme fecundidade no contacto entre culturas, estando em andamento, havia quase um século, um processo de tradução em larga escala para latim de obras redigidas em árabe, que eram avidamente procuradas por intelectuais provenientes de toda a Europa. Embora estas iniciativas tenham decorrido, de alguma forma, da passagem de Toledo para o lado cristão que teve lugar em 1085, por iniciativa de Afonso VI, pondo à disposição do mundo cristão bibliotecas lendárias, a multiplicação de centros de tradução na Península, ao longo do século XII, deu-se em várias geografias, das quais não é possível excluir Portugal

O centro das atenções estava, naturalmente, voltado para o pensamento grego, cujos autores haviam sido, desde cedo, traduzidos para árabe, com um impulso final dado por Abdel Rahman III, em pleno século X. E, no seio das obras traduzidas, avultava Aristóteles e todos os seus seguidores ou detractores. Mas, na realidade, esse movimento, que vem a ser designado «Escola de tradutores de Toledo», abarcou todas as disciplinas que organizavam o saber. É dentro deste variado processo que tem lugar a primeira tradução para Latim do *Alcorão*, e é no seio do grupo organizado em torno do futuro Arcebispo de Toledo que se dá a tradução de duas obras do fundador dos almóadas – Ibn Tumart –, respectivamente a *Mursida* e a *Aquida*, cuja versão latina é realizada por Marcos de Toledo, sendo a correspondente castelhana desta última fornecida pelo opúsculo de Carlos Ayala.

Surpreendente a atenção dedicada a estes tratados? De algum modo, sim, se tivermos em conta a dimensão política e activa dos Almóadas, mas perfeitamente compreensível se pensarmos que se estava no seio de um meio culto, para o qual as letras não tinham grandes segredos, sobretudo no capítulo da tendência especulativa-racionalista transmitida, globalmente, pela cultura árabe.

Alguns princípios orientam a reflexão produzida nos mencionados escritos, sendo o primeiro, em ruptura clara com a tradição judaica e também cristã, a recusa absoluta do antropomorfismo divino, ou seja, da possibilidade de comparação da divindade com o ser humano, atribuindo-lhe unicamente uma dimensão hiperbolicamente superior. Na realidade, toda a argumentação de Ibn Tumart sobre os atributos de Deus conduz a tornar a essência divina totalmente incompatível não apenas com a humana, mas também com qualquer elemento que integre a natura. Como facilmente se verifica na *Aquida*, 7, lida através da versão realizada pelo referido discípulo do Toledano: «Creatur autem gloriosus est primus et nouissimus, manifestus et occultus, qui nouit omnia, primus absque princípio, nouissimus absque fine, manifestus absque definitione, occultus absque proprietate, inuentus asolute absque sumilitudine et qualitate». Na tradução realizada para castelhano pode ler-se: «y el creador es el alfa y la ómega, lo evidente y lo oculto; lo sabe todo; es el primero sin comienzo y el último sin fin, lo evidente sin delimitación y lo oculto sin particularización, lo que existe de una manera absoluta, sin comparación ni modalidad».

Sabemos que o mundo cristão dificilmente poderia partilhar concepções que negavam possibilidade de a divindade se repartir por várias pessoas. Mas também é manifesto que a argumentação que sustentava a abordagem cristã não estava ainda suficientemente consolidada. O pensamento agostiniano manifestava-se exíguo, do ponto de vista racional-argumentativo, para se opor às ousadas exigências que surgiam de todo o lado quanto a temas centrais, como a fundamentação da Trindade. Perspectivas radicais, como o adopcianismo, embora já vetustas e condenadas por Papas, concílios, bulas e uma parenética enraizada, não deixavam de emergir ainda no século XII, tornando o ambiente incerto e polémico, o mesmo se podendo afirmar relativamente às modalidades da «escatologia histórica», que induziam expectativas muito diferenciadas quanto à vivência no mundo cristão. Nestas condições, é irrealista pensar que a intelectualidade cristã permaneceria insensível à maré de especulação lógica que emergia de todos os lados nessa Hispânia em grande efervescência intelectual, marcada por figuras intelectuais como Averróis, que traziam consigo um saber filosófico, não apenas lógico-especulativo, que representava o mais adiantado pensamento humano dos últimos milénios.

O livro de Carlos Ayala Martínez vem abrir aos estudos actuais mais uma pequena porta, deixando pendente uma questão fundamental: para que fins se destinavam as traduções dos tratados de Ibn Tumart? Unicamente para conhecer as armas teóricas dos inimigos e melhor os contestar – argumento que surge repetidamente em vários lugares, quando estão em causa obras oriundas do campo cultural árabe –, ou para alimentar mais ainda o campo da incerteza, enriquecendo o debate no campo cristão sobre a transcendência divina? O caminho estava aberto e não era possível trilhá-lo sem conhecer os mais recentes contributos para a «cuestión sobre Dios». Mais do que uma afirmação conclusiva sobre tal questão, o presente opúsculo pretende abrir a porta aos inevitáveis inquéritos futuros sobre esta e outras matérias de teor similar.